

Das memórias e encontros com a Abordagem Triangular às reverberações na prática em Artes Visuais

Fabiana Souto Lima Vidal 

(Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife/PE, Brasil)

RESUMO — Das memórias e encontros com a Abordagem Triangular às reverberações na prática em Artes Visuais — Neste artigo, inicialmente, apresento memórias acerca do encontro com a Abordagem Triangular (AT). Em seguida, apresento o CAp/UFPE, campo onde atuo como docente de Artes Visuais. Na terceira parte, abordo as compreensões acerca da AT e de como as ações deste sistema epistemológico integram meu modo de pensar o ensino das Artes e Culturas Visuais. Por fim, apresento recortes de experiências vivenciadas remotamente em 2021 no 1º ano do Ensino Médio, com a temática “Mulheres Artistas”. Finalizo destacando que entendo a AT pelo caráter dialogal e aberto, dando pistas para que ações possíveis no ensino das Artes e Culturas Visuais aconteçam nos mais diferentes contextos e realidades.

PALAVRAS-CHAVE

Abordagem Triangular. Artes e Culturas Visuais. Mulheres Artistas. Educação Básica.

ABSTRACT — From memories and encounters with the Triangular Approach to reverberations in Visual Arts practice — In this paper, I initially present memories about the encounter with the Triangular Approach (TA). Then, I present the CAp/UFPE, field where I work as a Visual Arts teacher. In the third part, I discuss the understandings about TA and how the actions of this epistemological system integrate my way of thinking about the teaching of Visual Arts and Cultures. Finally, I present clippings of experiences lived remotely in 2021 in the 1st year of High School, with the theme "Female Artists". I conclude by emphasizing that I understand TA for its dialogic and open nature, giving clues to what possible actions in the teaching of Visual Arts and Cultures take place in the most different contexts and realities.

KEYWORDS

Triangular Approach. Visual Arts and Cultures. Female Artists. Primary Education.

RESUMEN — De las memorias y encuentros con el Enfoque Triangular a las reverberaciones en la práctica de las Artes Visuales — En este artículo, inicialmente, presento recuerdos sobre el encuentro con el Enfoque Triangular (ET). Luego, presento el CAp/UFPE, campo en el que actúo como docente de Artes Visuales. En la tercera parte, discuto los entendimientos sobre el ET y como las acciones de este sistema epistemológico integran mi forma de pensar sobre la enseñanza de las Artes y las Culturas Visuales. Finalmente, presento recortes de experiencias vividas a distancia en el 2021 en el 1º año de la enseñanza secundaria, con el tema “Mujeres Artistas”. Concluyo destacando que entiendo el ET por su carácter dialógico y abierto, dando pistas sobre qué acciones posibles en la enseñanza de las Artes Visuales y las Culturas se desarrollen en los más diversos contextos y realidades.

PALABRAS-CLAVE

Enfoque Triangular. Artes y Culturas Visuales. Mujeres Artistas. Enseñanza Secundaria.

Pistas e memórias dos encontros com a Abordagem Triangular

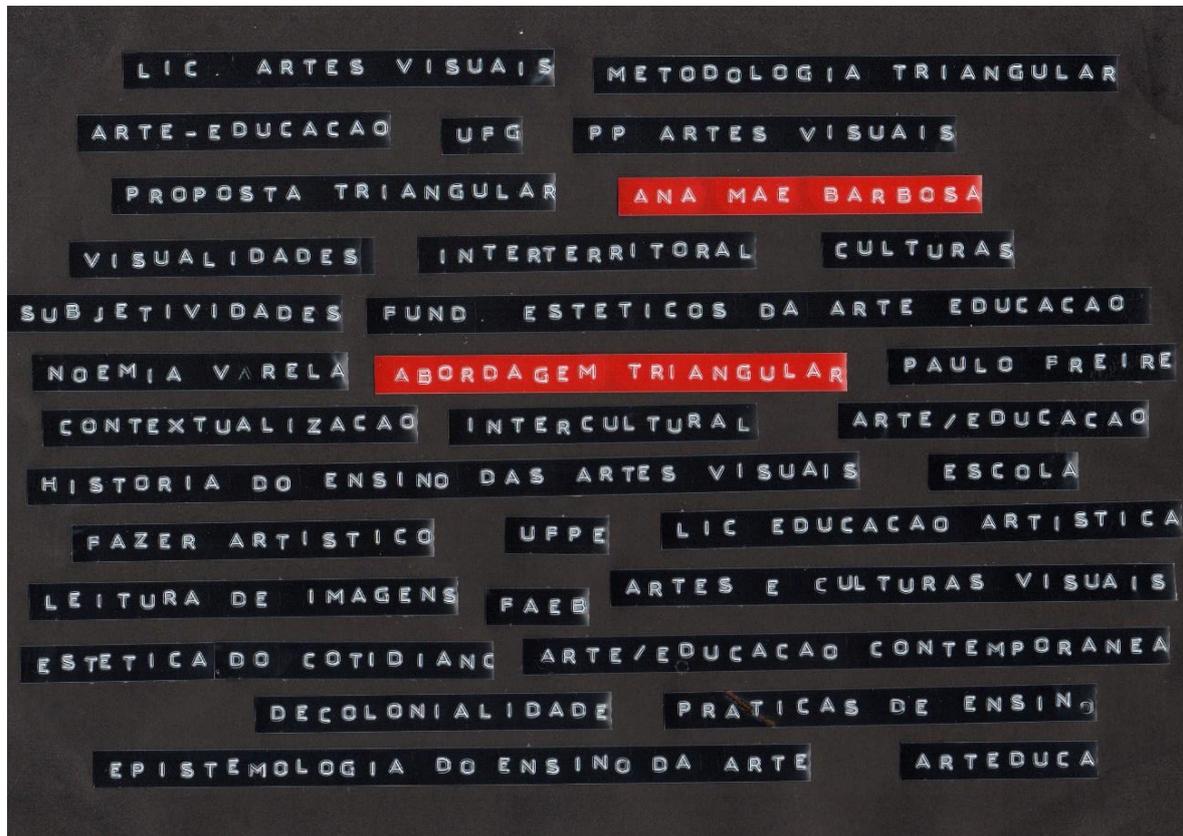
Ao começar a pensar a escrita deste artigo sobre os 30 anos da Abordagem Triangular (AT), fui tomada pelo tempo e me dei conta de que, desde o ano de 2001, quando iniciei minha formação na licenciatura, fui atravessada por estas discussões. Portanto, considerando que o pensamento de Ana Mae Barbosa começa a ganhar corpo nos anos 1990, posso dizer que esse debate passa a permear minhas ações quase 10 anos depois da publicação do livro *A imagem no ensino da Arte* (BARBOSA, 2009), referência para o campo da Arte/Educação, quando o pensamento desta teórica passa a conquistar mais espaços na própria formação docente no campo da arte e gradativamente difunde-se em ações no campo do ensino das Artes Visuais nos âmbitos da educação formal, não formal e informal.

Por algum tempo, me peguei pescando palavras e memórias do meu processo formativo e tentei colocar no papel tudo aquilo que surgia. Sendo assim, passei a montar uma composição (Figura 1) com referências que constituem o ajuntamento de palavras, siglas, marcos teóricos que dão corpo às minhas opções profissionais, mas não menos pessoais, estéticas e éticas, orientando meus modos de ser, estar e me movimentar no mundo.

De algum modo, se pudéssemos criar um jogo com as palavras desta composição, ao retirar cada uma delas, eu poderia desmembrá-las em uma roda de conversas e dizer como se conectam e como cada uma faz parte da minha história e do meu encontro com a Abordagem Triangular. Certamente, como apresentadas visualmente na imagem abaixo, elas não darão conta de abarcar tudo o que, de fato, constitui minhas experiências, tampouco pretendem encerrar a Abordagem Triangular num conjunto fechado de palavras, visto que esta seria uma postura contraditória com o viés aberto que compõe o “sistema epistemológico” sistematizado por Ana Mae Barbosa (1998, p. 35) entre “os anos de 1987 e 1993, no Museu de Arte Contemporânea da USP”. Talvez, para certas pessoas, algumas destas palavras e expressões não façam nenhum sentido, mas

na composição particular que me constitui, cada uma delas integra a rede de histórias, experiências e atravessamentos (LARROSA, 2014).

Figura 1 — Composição de colagem com etiquetas em relevo



Fonte: Acervo da autora.

Aos poucos, estas palavras foram se unindo, passaram a compor meu pensar e minhas ações, não se estabelecendo, portanto, aleatórias e desconexas. Hoje, quando entro em uma sala de aula, sei que carrego todas elas e muitas outras que passaram a compor o corpo teórico, formativo, político/epistêmico e afetivo que me constitui.

Ao mesmo tempo, preciso destacar que, no meu processo de ser docente, nem tudo se deu de forma linear ou gradativa. Por muitas vezes, em algumas escolas, me vi entre modos de pensar o ensino das Artes Visuais diferente daquilo de que eu me aproximava no âmbito acadêmico. Nesses momentos, as palavras

acima expostas foram dando corpo às minhas lutas por outros modos de pensar o ensino das Artes Visuais na educação básica e passaram também a dar corpo aos meus posicionamentos estéticos, artísticos, políticos que foram sendo alimentados na caminhada.

Ao mesmo tempo em que me encontrava com Ana Mae Barbosa (2002, 2008a, 2009), Arthur Efland (2008), Fernando Azevedo (2008, 2010), Rejane Coutinho (2002) e Sheilla Campello (2010) entendia um pouco mais a historicidade do ensino da arte, as influências e transformações que também reverberaram no campo da Arte/Educação, repercutindo também na própria história e sistematização da Abordagem Triangular, que hoje entendo como advinda de muitas experiências e atravessamentos vividos pela sua sistematizadora, Ana Mae Barbosa.

Olhando em retrospecto, percebo que essa composição foi sendo desenhada aos poucos, fazendo parte da minha trajetória formativa, acadêmica e profissional, inicialmente, como professora que atuou na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, em seguida, nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, enquanto docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp/UFPE), campo em que me movimento e no qual venho atuando nos últimos 12 anos, vivenciando experiências, seja pela atuação no chão de uma escola de educação básica, seja pela aproximação com a formação docente a partir do acompanhamento e supervisão de estágios curriculares de estudantes da Licenciatura em Artes Visuais, ou ainda, nas ações que desenvolvo no âmbito da pós-graduação, no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB.

Sobre o campo de atuação docente na educação básica

O CAp/UFPE é uma escola pública que faz parte de uma rede restrita de escolas de educação básica pertencentes às universidades públicas federais. Tem no cerne de sua criação o compromisso com a formação superior, uma vez que se constitui campo de estágio para as diversas licenciaturas, possibilitando, portanto,

a aproximação com o chão da escola a partir dos estágios curriculares, além dos diferentes programas, a exemplo do PIBID, PIBIC, Residência Pedagógica.

Dentre tantas ações docentes que desenvolvo no contexto relatado, elegi, para o presente artigo, uma experiência recente vivenciada remotamente no componente curricular Artes Visuais com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, no ano de 2021, uma vez que, em função do contexto pandêmico da Covid-19, ainda nos encontrávamos afastados/as das atividades presenciais. Sendo assim, as aulas aconteciam divididas entre encontros síncronos semanais de uma hora de duração e encontros assíncronos, a partir da sala de aula no Google Classroom, plataforma virtual adotada pela própria UFPE.

Vale salientar que, até o 9º ano do EF, em diferentes séries do CAp/UFPE, os/as estudantes vivenciam as quatro linguagens artísticas - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – em diferentes séries. Assim, ao chegar no Ensino Médio, eles/as escolhem, dentre as linguagens, aquela que desejam cursar durante o 1º ano, tomando como critério, sobretudo, a identificação com a proposta de estudo previamente apresentada pelos/as docentes de cada linguagem artística e que será norteadora das discussões ao longo do ano letivo.

Nos últimos anos, no 1º ano do Ensino Médio, em Artes Visuais, as ações são orientadas por estudos e recortes em torno da temática “Mulheres Artistas”, que, acompanhando meu próprio amadurecimento e encontro com diferentes estudos, foi se (re)desenhando a cada ano, unindo-se também às ideias trazidas por estagiários/as que, constantemente, buscam, por identificação com a temática, esse componente curricular e essa série para ser campo de estágio.

Encontros com a Abordagem Triangular: por onde ando me movimentando?

No que se refere à Abordagem Triangular, posso afirmar que o debate está introjetado nas minhas práticas e ao longo dos anos vem orientando minhas movimentações e o meu modo de pensar o ensino das Artes e Culturas Visuais.

Aprendi com Ana Mae Barbosa (1998, 2008c, 2010), Fernando Azevedo (2010) e Maria Christina Rizzi (2008) que a Abordagem Triangular em sua estreita relação com o pensamento freireano é crítica e dialogal, está aberta às (re)invenções e (re)configurações dadas por cada docente e que as ações que a compõem – a leitura de imagens, a contextualização e o fazer artístico – não são estanques. Ao contrário, elas acontecem a todo tempo durante as aulas. De modo prático, isso implica afirmar, por exemplo, que no momento em que se lê uma imagem – seja ela obra de arte, fotografia, impressos, lambe-lambe, grafite, pixação, cinema, *outdoors*, vídeos, memes, propagandas, dentre outras – também se contextualiza e se realiza um certo tipo de fazer que não necessariamente é o fazer com os materiais artísticos, mas que é igualmente importante para a formação dos/as estudantes uma vez que as imagens comunicam, ensinam e forjam nossas identidades.

Sobre essa interrelação/articulação entre as ações da Abordagem Triangular, retomo algumas reflexões destacadas em pesquisa publicada em 2011, quando enfatizo:

Uma vez que compreendemos que o sujeito, ao ler uma imagem, está recriando-a, podemos afirmar que essa ação também faz parte do processo criativo. Do mesmo modo, podemos afirmar que, quando o sujeito estabelece relações entre o contexto da imagem e o contexto em que vive, também está produzindo, mesmo que esta produção não se materialize a partir de um elemento, técnica ou suporte da arte, podendo ser compreendida como uma produção subjetiva que mobiliza outras ações no sujeito.

Isso nos permite afirmar que a produção também perpassa as demais ações, tendo em vista que estas não são dicotômicas, antes são complementares, dialogantes [...] . Dessa forma, a produção remete a uma nova forma de ler, de interpretar, de conhecer o objeto/tema em estudo, e nem sempre se expressa ou se materializa por meio de uma atividade plástica (VIDAL, 2011, p. 95).

Desse modo, podemos dizer que, na Abordagem Triangular, o fazer artístico não deixa de ser um momento de reflexão sobre o que foi dito, debatido, trabalhado e discutido ao se ler imagens. Ao mesmo tempo, faz-se necessário entender que essas ações estão em constante movimento, provocam idas e vindas no pensar e reverberam, como afirma Ana Mae Barbosa (2009, p. 66), nas possibilidades de

“desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas”.

Tomada por Ana Mae Barbosa (2008a, 2008b, 2010, 2011), Ivone Richter (2003), Fernando Azevedo (2016), venho cada vez mais entendendo que o pensamento pós-moderno do ensino das artes e culturas visuais, no qual se insere o sistema epistemológico da Abordagem Triangular, distanciando-se das perspectivas tradicionais, fechadas, romantizadas, modernistas e tecnicistas, abre-se para a arte enquanto cognição, para reflexões acerca das diversidades, para as estéticas das minorias, para o conhecimento dos contextos culturais, para os questionamentos dos universalismos e dos códigos hegemônicos da arte, para as rupturas entre alta cultura e baixa cultura, para a relação entre erudito e popular, entre elite e massas, para a interculturalidade e a interterritorialidade, para o pensamento decolonial, as identidades culturais, os cotidianos, as histórias negadas e silenciadas, para as imagens de modo amplo e de como cada sujeito se vê, se percebe, se reconhece frente àquela imagem, sendo estes, alguns dos pressupostos fundantes de um modo de pensar sobre as relações que homens e mulheres estabelecem com o mundo e, conseqüentemente, sobre os processos de formação humana de sujeitos humanos (SOUZA, 2009) cada vez mais urgentes e necessários, sobretudo no tempo atual, que nos obriga a pensar em outros modos de nos movimentarmos e nos relacionarmos com todas as formas de vida. Sendo assim, a Abordagem Triangular, enquanto orientação epistemológica do pensar o ensino da arte, rompe com os padrões e normas estabelecidas que ainda resistem no chão das escolas e dilui as barreiras que a ideologia dominante, entranhada em muitos processos formativos ainda nos impõe, quando seleciona o que pode e o que não pode ser lido/trabalhado pelos diversos sujeitos, em seus variados contextos.

Pautada nas ideias supracitadas, passo a apresentar alguns fragmentos de práticas vivenciadas em 2021 no CAp/UFPE, com a temática “Mulheres Artistas” em uma turma de 1º ano do Ensino Médio, com 20 estudantes, sendo 15 mulheres e 5

homens, de modo a fomentar reflexões para compreender questões do presente e que surgiram dos interesses nos debates realizados com a própria turma.

Como ponto de partida, busquei elementos nas experiências acumuladas com o ensino remoto vivenciado no ano anterior, 2020, e lancei mão de diferentes estratégias para trabalhar os conteúdos. Assim, Jamboard, Padlet e outros recursos digitais disponíveis de forma gratuita em sites e em aplicativos, para além das experimentações com materiais que cada estudante tinha disponível em casa, foram essenciais para as abordagens, mas, sobretudo, para tentar vencer o cansaço que a vida remota depositava sobre todos/as nós – docentes, estagiários/as e estudantes.

Nessa caminhada, como disse anteriormente, em parte do ano letivo de 2021, as ações foram desenvolvidas em parcerias de acompanhamento de estágios de observação e regência, estabelecendo na prática a rede que une educação básica e formação docente no CAp/UFPE.

Ainda convém destacar que, em função das dinâmicas remotas e de ajustes do calendário acadêmico, adaptações foram necessárias também no processo de estágio, sendo assim, os estágios de regência aconteceram a partir de ações síncronas e assíncronas com a turma, além de encontros síncronos semanais com a supervisão para realização do planejamentos, de modo que todas as ações a serem desenvolvidas fossem pensadas, partilhadas e discutidas coletivamente, considerando também alguns momentos de discussão após as aulas síncronas da turma, para tecer algumas considerações mais imediatas e que surgia a cada aula.

Mais precisamente, para o presente artigo, trago recortes de experiências e seus desdobramentos tanto das ações mediadas por mim, quanto do meu olhar enquanto professora supervisora de estágio nas ações desenvolvidas em parceria com dois estagiários, Leon Sousa e João Ricardo Silva, estudantes da Licenciatura em Artes Visuais. Por fim, também ressalto, como frisei anteriormente, que não vejo separação entre as ações – leitura de imagens, contextualização e fazer

artístico – e não tenho a pretensão de separar essas ações na escrita do presente artigo, embora, em um ou outro momento, fique mais evidente alguma delas.

Experiências permeadas pela Abordagem Triangular

Inicialmente, destaco que, no formato remoto, o CAp/UFPE estabeleceu que o ano letivo seria dividido em três unidades e, para a experiência aqui relatada, tomo como ponto de referência vivências de dois momentos específicos, a primeira e a última unidade do ano, por entender que, desse modo, os/as leitores/as terão uma boa compreensão da linha de pensamento que nos movimentou ao longo do ano letivo. Assim, no primeiro momento, destaco as leituras iniciais que nos aproximaram da temática central do componente curricular e nos possibilitou refletir sobre o silenciamento e apagamento de mulheres artistas na história da arte e em grande parte das exposições realizadas em diferentes equipamentos culturais. Em um segundo momento, adentro na última unidade do ano letivo, quando, já supervisionando os estágios de Leon Sousa e João Ricardo Silva, nos voltamos para o estudo de duas mulheres artistas e das ações e desdobramentos dos conteúdos vivenciados.

Na primeira etapa do ano, partimos da leitura da imagem a seguir (Figura 2), produzida pelo grupo de ativistas feministas anônimas, Guerrilla Girls. Vejamos:

Figura 2 — Versão de pôster da Guerrilla Girls produzido em língua portuguesa. Museu de Arte de São Paulo, 2017



Fonte: Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/as-guerrilla-girls-chegaram-exposicao-no-masp-faz-retrospectiva-do-coletivo-feminista/>

As discussões fomentadas pela imagem foram adensadas a partir de outras referências, a exemplo do vídeo “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, disponibilizado no Canal do Youtube “Vivieuv” e das provocações dos textos “Mulher como objeto de cama e mesa” e “Ocidente: uma história da arte hegemônica”, ambos da Profa. Madalena Zaccara (2017), gerando um debate acalorado em nosso Meet.

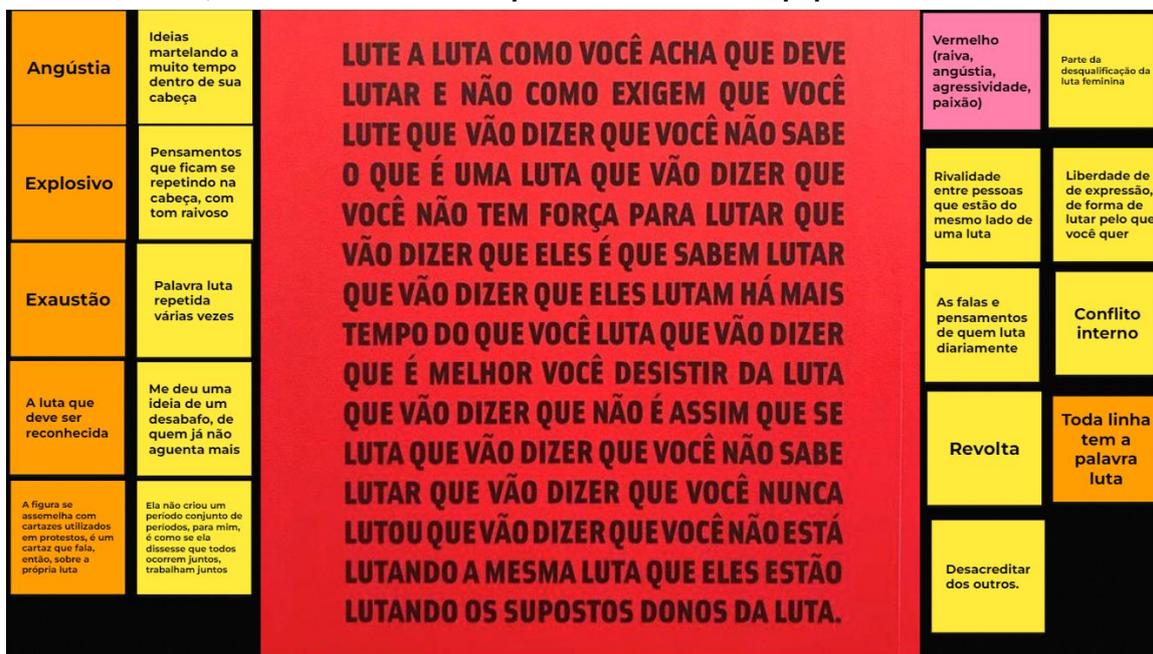
Em seguida, utilizamos o Jamboard para realizar leituras de imagens e nos fizemos valer dos recursos desse quadro interativo para que os/as estudantes inserissem suas impressões e as reflexões provocadas pelas obras “Brazil” (Figura 3) e “A luta” (Figura 4), ambas da jovem artista paulistana Santarosa Barreto, vejamos a seguir as notas que foram provocadoras de discussões nos nossos encontros:

Figura 3 — Print de Jamboard realizado em encontro síncrono. Obra: Brazil, Santarosa Barreto. Técnica: luzes de neon, fios elétricos e transformador. Dimensões: 100 x 150 cm



Fonte: Acervo da autora. Crédito da fotografia: Eduardo Ortega. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/brazil>.

Figura 4 — Print de Jamboard realizado em encontro síncrono. Obra: A Luta, Santarosa Barreto. Cartaz, 2018-2019. Técnica: Impressão offset sobre papel. Dimensões: 42 x 30 cm



Fonte: Acervo da autora. Crédito da fotografia: Eduardo Ortega. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/a-luta>.

Pelas notas coladas no Jamboard, podemos perceber o quanto que as obras trabalhadas despertaram nos/as estudantes reflexões pertinentes, potentes, atuais e necessárias, acerca do modo como as mulheres são vistas e consideradas. Para nós, estas reflexões são essenciais, sobretudo por considerarmos o fato de que a turma não era composta apenas por mulheres, logo corrobora a ideia de bell hooks (2019, p. 30) quando defende o feminismo para todo mundo e, mais especificamente, que a “conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto os grupos para mulheres”.

Posteriormente, adensamos nossas leituras com o texto “Paraguáçus e Moemas”, também de autoria de Madalena Zaccara (2017) e passamos a entender não apenas a condição da mulher enquanto objeto da arte produzida por homens, mas também a refletir sobre o distanciamento temporal de 63 anos para que as primeiras mulheres pudessem entrar na Academia Imperial de Belas Artes, e dos

conteúdos que a elas eram permitidos, acrescentando um pouco mais de elementos para entender o porquê do silenciamento e do apagamento das mulheres na história da arte, branca, elitista, masculina, eurocentrada.

Nos encontros subsequentes, a junção de leituras e discussões em torno das imagens gerou uma série de pontos de reflexão e alguns questionamentos que foram registrados durante os debates realizados sincronamente, dentre os quais destaque:

- Muitas mulheres foram apagadas na história da arte;
- Existem “temáticas” próprias para mulheres artistas?
- Mulher como tema e não como autora;
- Arte correta é arte produzida por homens?
- Mulheres de classes mais favorecidas têm mais espaço no mundo artístico?
- Que temas foram impostos às mulheres?
- A participação das mulheres na arte hoje;
- Reconhecimento é para todas?
- Existem mulheres artistas na periferia, professora?! Se existem, onde estão?
- Arte, mulheres negras e periféricas: onde estão?

As perguntas e reflexões supracitadas seguiram nos acompanhando durante as demais unidades do ano letivo, desdobrando-se na segunda unidade no estudo de jovens artistas pernambucanas, da cidade do Recife e região metropolitana, a exemplo de Priscilla Melo e Rayellen Alves, citadas em artigo publicado (MENDONÇA; VIDAL, 2022)¹, assim como também no estudo específico de mulheres artistas contemporâneas que se debruçam sobre as questões de

violência, poder, gênero, corpos e vulnerabilidades, a exemplo da artista visual e perita criminal da cidade de Belém-PA, Berna Reale, que foi temática de estudo a partir de algumas obras (Figuras 5, 6 e 7) provocadoras, vejamos a seguir:

**Figura 5 — Berna Reale, Cantando na chuva, 2014. Técnica: Impressão em jato de tinta.
Edição: 1/5 + 2 PA. Dimensão: 150 x 100 cm**



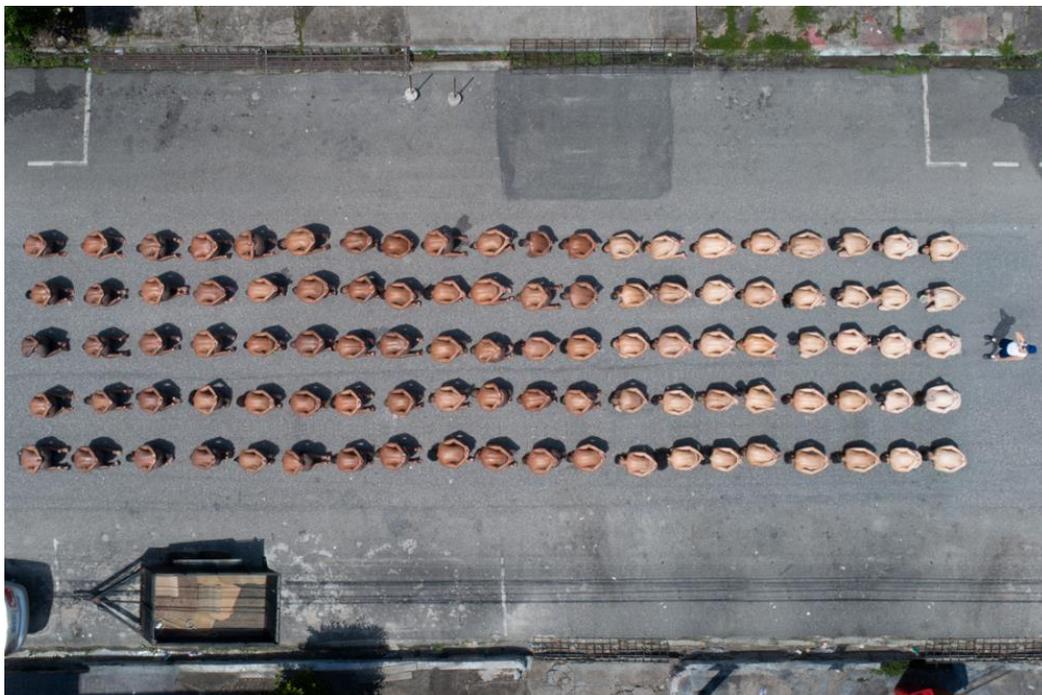
Fonte: Disponível em: <http://www.institutopipa.com/pt/berna-reale/>

Figura 6 — Berna Reale, Rosa púrpura, 2014. Registro de performance



Fonte: Disponível em: <https://ocula.com/art-galleries/galeria-nara-roesler/artworks/berna-reale/rosa-purpura-15/>

Figura 7 — Berna Reale, Ginástica da pele, 2019



Fonte: Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/235/ro-corpo--no-meu-trabalho-e-um-elemento-simbolicor>

A partir das obras supracitadas, os/as estudantes perceberam os diferentes vieses que as obras da Berna Reale despertam, a exemplo das questões de gênero, força e resistência, vida e morte, conflitos sociais, descaso, críticas ao poder, abusos de poder, violência e preconceito, mecanismos de opressão, vulnerabilidade. Também perceberam o contexto em que as performances são realizadas, o figurino e como cada ação pensada pela artista faz parte da composição dos trabalhos que nos provoca a olhar para debates urgentes e necessários, deixando pistas para a continuidade nos encontros subsequentes, quando passei a acompanhar e supervisionar os estagiários Leon Sousa e João Ricardo Silva que, inspirados pelas aulas observadas, também foram instigados a pensar os possíveis desdobramentos das temáticas.

Dando continuidade aos estudos, definimos que trabalharíamos com duas artistas, a grafiteira carioca, Panmela Castro, também conhecida como Anarkia Boladona e Simone Sapienza, Siss, artistas da arte urbana que utilizam o grafite e o stencil para falar das angústias coletivas que atingem diretamente as mulheres – violências, preconceitos, sexualidade, lutas pela igualdade de gêneros. Assim, nos encontros subsequentes trabalhamos a partir de algumas imagens (figuras 8, 9, 10 e 11) vejamos:

Figura 8 — Anarkia Boladona, Mural Irmãs Siamesas, Centro do Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/arte/novo-mural-de-panmela-castro-e-inaugurado-no-dia-nacional-da-consciencia-negra/>

Figura 9 — Anarkia Boladona, Grafite em muro no Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <https://docplayer.com.br/52120554-A-insercao-da-mulher-no-graffiti.html>

Figura 10 — Simone Sapienza, Linda Carter. TPM...tô pintando muro. Rede Nami-SESC Jacarepaguá



Disponível em: <https://redenami.tumblr.com/post/136750465477/conhe%C3%A7a-a-grafiteira-siss>

Figura 11 — Simone Sapienza, Simone de bom voar. Rede Nami-SESC Jacarepaguá



Fonte: Disponível em: <https://www.siss1.com.br>.

Nos momentos de debates despertados pelas imagens apresentadas, surgiu a necessidade de falar sobre dois conceitos, sororidade e dororidade. Quanto ao conceito de sororidade, discutiu-se enquanto um comportamento de não julgamento e de escuta respeitosa entre as mulheres, sendo, então, importante para entender o conceito de dororidade, termo que expressa a sororidade entre mulheres negras, cunhado em 2017, pela professora e ativista Vilma Piedade. No entanto, dado os limites do tempo síncrono, foram sugeridas leituras a partir de material disponibilizado para ser acessado assincronamente, de modo que os/as estudantes, a partir das pistas iniciais discutidas em aula, pudessem se aprofundar um pouco mais.

No encadeamento das ações, Leon e João Ricardo abordaram as temáticas do caligrafite e do stencil, técnicas presentes nas produções das artistas supracitadas. Em seguida, a turma foi provocada a pensar e realizar uma produção artística e experimentações com os materiais disponíveis e de fácil acesso para cada um/a. Assim, temos desenhos com lápis grafite, canetinhas e lápis de colorir, pinturas com guache sobre papel sulfite e sobre papelão, além de desenhos digitais que foram socializados em um dos nossos encontros. Tudo isso gerou um grande momento de socialização das produções individuais, prática recorrente nas aulas de Artes Visuais e que foi mantida nos encontros remotos, como modo de partilha dos processos e apreciação dos trabalhos dos/as colegas. Vejamos a seguir algumas dessas produções (figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) que estão acessíveis publicamente no Instagram @quarentartcap²:

Figuras 12 e 13 — Jéssica Lopes, desenho digital e Davi Silva, desenho com grafite e lápis de colorir. 1º ano do Ensino Médio, 2021



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 — Amanda Vitória Silva, desenho com lápis grafite e lápis de colorir. 1º ano do Ensino Médio, 2021



Fonte: Acervo da autora.

Figura 15 — Júlia Mehl Kulik, desenho com canetinha nanquim. 1º ano do Ensino Médio, 2021



Fonte: Acervo da autora.

Figura 16 — Clarice Pessoa, desenho com lápis grafite. 1º ano do Ensino Médio, 2021



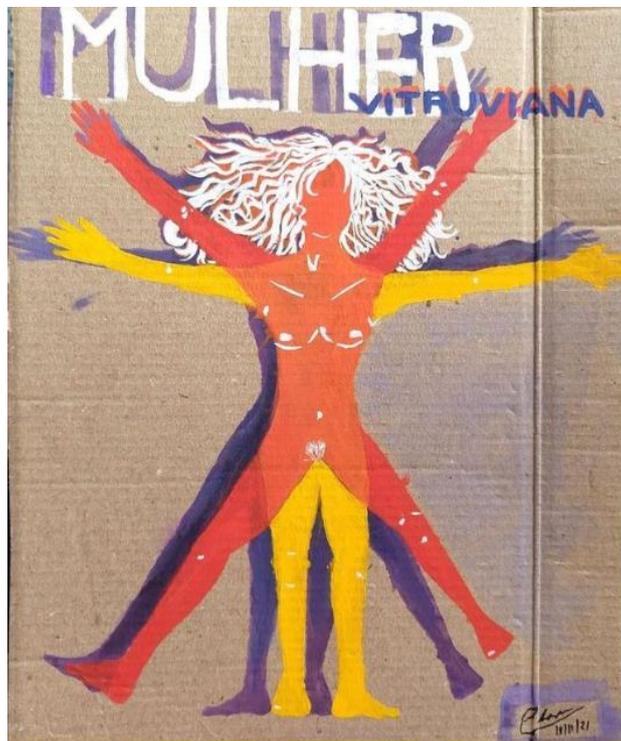
Fonte: Acervo da autora.

Figuras 17 e 18 — Geiseane Silva, stencil com tinta guache e Amanda Silva, stencil com tinta guache. 1º ano do Ensino Médio, 2021



Fonte: Acervo da autora.

Figura 19 — Clara Gomes, pintura com guache sobre papelão. 1º ano do Ensino Médio, 2021.



Fonte: Acervo da autora.

Daquilo que me atravessa e ainda segue me movimentando

Ao longo desta escrita, realizei o registro dos encontros e atravessamentos com a Abordagem Triangular, inicialmente na minha formação acadêmica e, hoje, nas orientações das minhas ações docentes. Em seguida, apresentei como fui costurando e compreendendo a Abordagem Triangular enquanto epistemologia do ensino das Artes e Culturas Visuais para, na continuidade, apresentar como estas compreensões reverberam na prática no chão das escolas. Para tanto, parti de recortes de ações desenvolvidas remotamente no segundo ano de afastamento das atividades presenciais, 2021, ano tão desafiador e que precisei, recorrentemente, buscar forças para conseguir desenvolver ações importantes para a formação dos/as estudantes – seja na educação básica, seja na formação inicial pela supervisão de estágios – sem desconsiderar também as próprias inquietações pessoais vivenciadas.

Naquele momento, juntamente com os/as estudantes, decidimos que as aulas síncronas seriam nosso lugar não apenas do encontro com os conteúdos, mas seria também o lugar das possibilidades de conversas, de acolhimento, lugar de construir rede de afetos e que nossos *meets* seriam parênteses nas nossas semanas tão sobrecarregadas pelo excesso de telas. Assim, nos permitimos um fluxo permeado por encontros dialogais, nos quais as leituras de imagens de diferentes produções artísticas foram incentivadoras de conversas abertas, mas não menos aprofundadas, reflexivas e importantes para a formação de todos/as nós.

O relato apresentado também não pretende ser modelo e único caminho possível, pois entendo que o contexto no qual se desenvolveu era singular e específico de um recorte temporal e de um modo possível de fazer acontecer processos formativos em artes visuais, considerando todas as especificidades que nos rodeava naquele momento. Ao mesmo tempo, esta escrita corrobora as ideias com as quais diálogo e me inspiro, acerca do caráter aberto da Abordagem Triangular e das inúmeras possibilidades de, ao tomar esse sistema epistemológico

como orientador, fazer acontecer ações possíveis, nos mais diferentes contextos e realidades, a exemplo da experiência vivenciada remotamente e destacada nesta escrita.

Hoje, quando volto às ações presenciais, me deparo olhando em retrospecto nesse exercício de colocar no papel tudo o que foi vivenciado e percebo o quanto caminhamos no mundo possível, remoto, e o quanto as experiências aqui relatadas poderão ser ressignificadas e orientar outras rotas que pretendo traçar tendo a Abordagem Triangular como eixo fundante para outros pensares/fazeres a partir das/e com as experiências vividas.

Notas

- ¹ Dado o limite do presente texto, destaco que as experiências vivenciadas na segunda unidade do ano letivo de 2021, a partir do questionamento destacado, estão publicadas por Mendonça e Vidal (2022).
- ² A página do Instagram @quartentartecap foi criada pela equipe de Artes Visuais do CAP/UFPE em 2020, como uma das primeiras ações da pandemia. Além de produções realizadas por estudantes, quando ainda não tínhamos iniciado aulas remotas, é possível acessar também algumas produções realizadas ao longo dos anos letivos de 2020 e 2021, apresentadas durante o festival.comARTE, Festival de Artes do CAP/UFPE e fruto das diferentes vivências em Artes Visuais nas turmas de ensino fundamental e ensino médio.

Referências

- AZEVEDO, Fernando. A. G. de. Movimento Escolinhas de Arte: em Cena Memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). *Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- AZEVEDO, Fernando. A. G. de. Abordagem triangular: bússola para os navegantes destemidos dos mares da Arte/Educação. In: BARBOSA, A. M.; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). *Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- AZEVEDO, Fernando. A. G. de. *A Abordagem Triangular no ensino das Artes como teoria e a pesquisa como experiência criadora*. Jaboatão dos Guararapes, PE: SESC, 2016.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. 6. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.
- BARBOSA, Ana Mae. *Cultura, Arte, Beleza e Educação*. Texto de assessoria do Programa Toda Beleza. Canal Futura. 2008b. Disponível em: <<http://www.futura.org.br/main.asp?View={38DE8932-C99D-4430-A122-6511060DF964}>>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- BARBOSA, Ana Mae. (org.). *Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2008c.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. 1ª reimpr. da 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3 (2011). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9288/6778>. Acesso em: 05 mai. 2022.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CAMPELLO, Sheila Maria. O Ensino da Arte no ciberespaço: a proposta metodológica do curso Arteduca. In: BARBOSA, Ana Mae, CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

COUTINHO, Rejane Galvão. A Formação de Professores de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

EFLAND, Arthur D. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-Moderno. In: GUINSBURG, Jacó e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MENDONÇA, Ana Flavia da F. N. de; VIDAL, Fabiana S. L. "Existem artistas na periferia, professora?!": interseccionalidade e lugar de fala como elementos mobilizadores de práticas artísticas vivenciadas a partir do estudo de jovens artistas pernambucanas. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 055-073, 2022. DOI: 10.5965/24471267812022055. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21725>. Acesso em: 15 mai. 2022.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

RIZZI, Maria Christina S. L. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M. (org). *Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SOUZA, João Francisco. *Prática Pedagógica e Formação de Professores*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

VIDAL, Fabiana Souto Lima. *A Formação Inicial de Professores e o Ensino da Arte: um estudo em Instituições do Ensino Superior do Estado de Pernambuco*. 2011. 213 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

VIVIEUVI. Por que não houve grandes mulheres artistas? Youtube, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DnVUaziWKzo>. Acesso em: 11 mai. 2022.

ZACCARA, Pekala Madalena de F.; COLLIER, B. (Org.) ; CARVALHO, Marluce (Org.) *De sinhá prendada a artista visual: os caminhos da mulher artista em Pernambuco*. 1. ed. Recife: Cepe, 2017.

Fabiana Souto Lima Vidal

Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPA. Doutora em Educação pela UFPE (2016); Mestre em Educação - UFPE (2011); Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - UnB (2006); Licenciatura em Educação Artística/Artes Plásticas - UFPE (2005). Editora-chefe da Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Formação de Professor e Profissionalização Docente (UFPE). Atualmente é integrante da Rede de



Representantes da Federação de Arte/Educadores do Brasil - FAEB/PE - (biênio 2021-2022) e vice-coordenadora do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0439-7378>

E-mail: fabiana.vidal@uol.com.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9258272116465693>

*Recebido em 6 de junho de 2022
Aceito em 30 de junho de 2022*

